

O RENDER DOS HERÓIS

*Os heróis são
os heróis vêm
os heróis vão...*

ALEXANDRE O'NEILL
parafraseando Oswald de Andrade

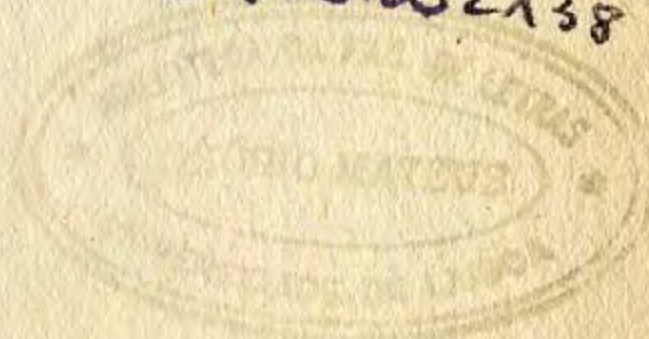
José Cardoso Pires

O RENDER DOS HERÓIS

três partes e um epílogo
concluído em apoteose grotesca

Jose Alberto
Ref. 20-11-65

UFLA 02138



Arcádia

Personagens:

SARGENTO SARGENTANAS

MATAMUNDOS, *Coronel da Rainha*

REGEDOR

FISCAL DE IMPOSTOS

CEGO

DUAS COMADRES

DOUTOR GASPAR SILVEIRA, *Desembargador*

MARIA RICARDA SILVEIRA

BACHAREL ALEXANDRE

CASIMIRO JOSÉ FERREIRA, *Padre-soldado*

MARIA ANGELINA

CAVALHEIRO STANLEY

SENHORA DE STANLEY, *Baronesa do Maio*

MACDONELL

MARIA HENRIQUES

1 Criado; 3 Soldados; 3 Guerrilheiros; 3 Camponesas
e

UM CHORO DE CRIANÇA

Figuração na «Apoteose Grotesca»:

Almirante Inglês e General Espanhol;

Costa Cabral e José dos Cónegos;

Dois Barões; Saldanha.

O RENDER DOS HERÓIS foi levado à cena pela Companhia do Teatro Moderno de Lisboa, em Janeiro de 1965, numa encenação de Fernando Gusmão. Nos principais papéis, por ordem de entrada:

CEGO	<i>Rui de Carvalho</i>
PRIMEIRA COMADRE	<i>Maria Cristina</i>
SEGUNDA COMADRE	<i>Fernanda Alves</i>
MATAMUNDOS	<i>José Amaro</i>
SARGENTANAS	<i>Tomaz de Macedo</i>
MARIA RICARDA	<i>Carmen Dolores</i>
DESEMBARGADOR SILVEIRA	<i>Rogério Paulo</i>
PADRE CASIMIRO	<i>Jaime Santos</i>
MARIA ANGELINA	<i>Ângela Ribeiro</i>
CAVALHEIRO STANLEY	<i>Luis Cerqueira</i>
BACHAREL ALEXANDRE	<i>Rui Mendes</i>
MACDONELL	<i>Armando Caldas</i>
BARONESA STANLEY	<i>Maria Schulze</i>
REGEDOR	<i>António Sarmiento</i>
FISCAL	<i>Carlos Cabral</i>

Música original de Carlos Paredes. Cenários e figurinos de Octávio Clérigo

Prólogo

Na noite de quinze para dezasseis de Abril um povo dos confins do Alto Minho deixou casas, deixou tudo, e espalhou-se pela serra-
nia bárbara.

Fazia luar, um luar negro, se assim se pode dizer. Cá em baixo tudo escuro e torvo: carvalhos velhos, torcidos, carvalhos dos tempos do Dilúvio, urzes e medronheiros pelados e cobertos por uma espécie de ferrugem da terra que lembrava cinza e mundos devastados. Depois o rolar das águas nas profundezas das brechas; depois os fossos de silvedo, os labirintos dos lobos e as bocarras dos desfiladeiros — tudo tornava a noite medonha e traiçoeira.

Um pano negro, a serrania. E diante do pano negro aparecem-nos as primeiras figuras em debandada. São duas mulheres, uma empunhando a pá do forno, outra a roçadoura

PRÓLOGO

na ponta de um longo varapau. Mas a paisagem sinistra, o pavor, o que quiserem, agigantam estas armas a ponto de lhes darem proporções de símbolos, grandes e esguios como lanças de guerreiros.

Vendo-as parar de repente, a olhar para todos os lados, percebe-se que as mulheres chegaram a alguma encruzilhada onde têm de escolher destino. Atrás delas vêm camponeses de podoa no cinto e arma à bandoleira. E mulheres, mais mulheres: esta com o filho ao colo, aquela arrastando uma cabra, uma velha que se benze, outra que agita o bordão, sem forças para gritar. Discutem num segredar de medo. Que foi, que não foi, porque foge esta gente? Que inimigo é esse que assim escorraça um punhado de aldeões?

Ei-lo: um clarim longínquo traça a noite com o seu tocar apressado. Ouvir e fugir é obra de momentos. Salta a velha do bordão, foge a outra, desvairada, espanta-se a cabra, e não há quem não procure uma saída. Pela direita, pela esquerda, agora para a frente, agora para trás, todas esbarram com o pano

PRÓLOGO

negro da noite e todas voltam ao ponto da encruzilhada. Tem-se a impressão de um grupo de gente dançando sobre um eirado de pólvora ao toque do cornetim que cada vez é mais forte, mais próximo.

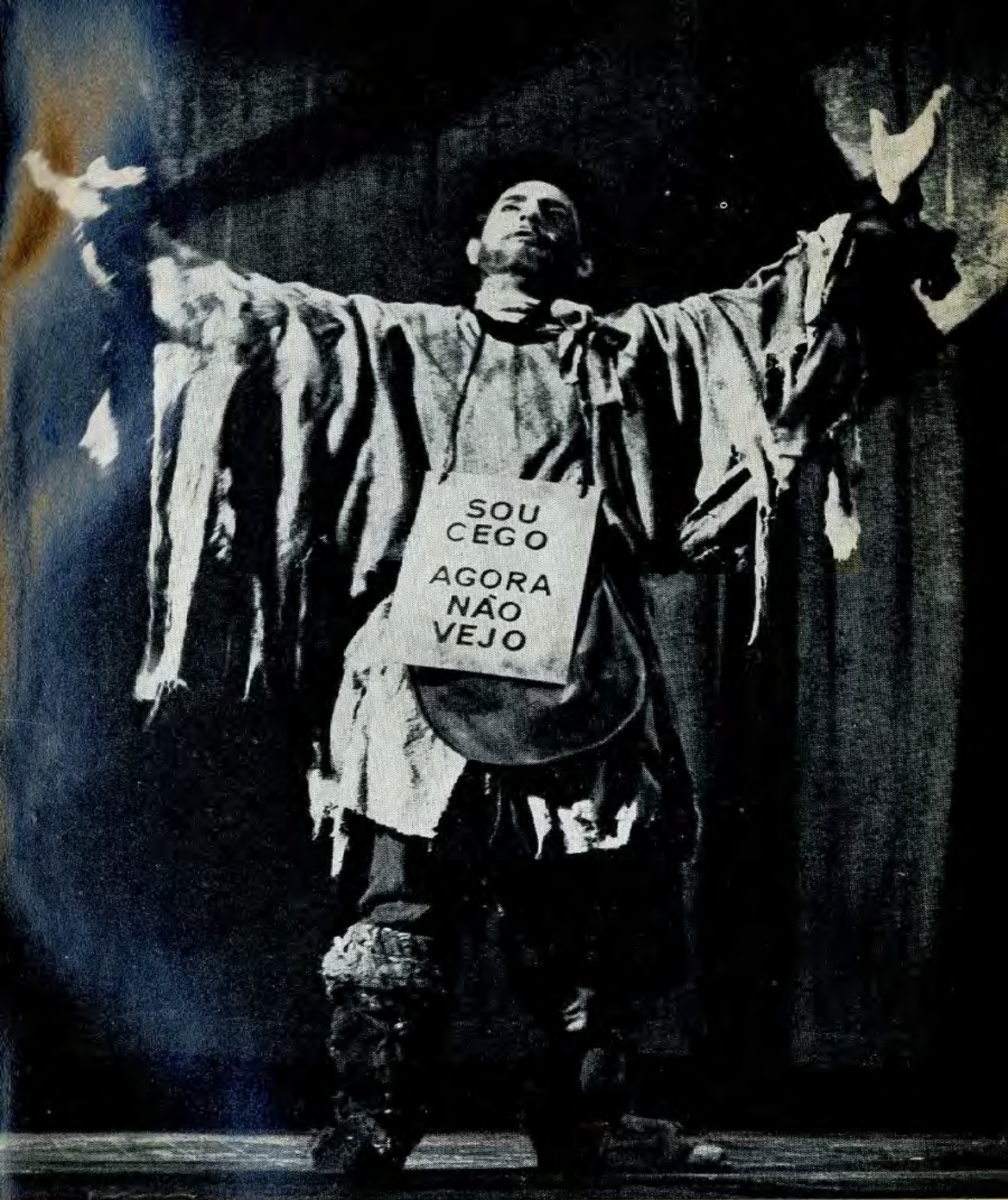
(Conta-se que certa mocinha, na ânsia do desespero, se quis lançar a um barranco — isto é: do palco para baixo — e que a muito custo foi salva por aquela multidão tresnoitada que, bem ou mal, sempre conseguiu escapar à ameaça do feroz cornetim.)

Primeira Parte

Que se passa
entre 28 e 30 de Abril,
nesse mesmo povoado
donde partiram os fugitivos
e a que chamaremos do Vilar
e nalgumas serranias
não muito longe dali.

Vilar à letra quer dizer «povoado», pouco mais que um lugarejo. Embora crescido, com regedor, igreja e padre-mestre, juridicamente aldeia, Vilar é um desses lugares abstractos e esquecidos do mundo. Não tem correio regular, ao menos de semana a semana, nem largo de feira. Tem um terreiro acanhado, com o competente cruzeiro, onde fazem alto as pobres procissões esfiapadas que, no correr do ano, vão cumprindo o calendário da diocese.

Estamos a ver a Praça: pequena e desnudada; um cruzeiro à esquerda, casa do cura à direita. E disse.



«Entra um Cego, cantarolando ao acaso. Carrega uma viola e, ao pescoço, traz um letreiro.»

I.

O feroz cornetim que expulsou para as serranias a gente do Vilar andou desvairado, a revolver a noite e a assoprar arrogância, até que, de um momento para o outro, se interrompeu.

Dois toques de sentido, e logo um militar, o sargento Sargentanas, indivíduo de nome feito de Braga a Vila Real, faz a sua entrada na cena da História para anunciar alguém.

Sargentanas:

Matamundos, Coronel da Rainha!

Sargentanas abre o pano da noite e perfila-se: está apresentada a povoação do Vilar, resumida a um largo de cruzeiro.

O Coronel domina-a com os olhos. Tem diante de si um monte de armas e utensílios aos pés

dessa pobre cruz; um Fiscal de Impostos, muito direito, muito respeitoso, atrás da banca tosca que lhe serve de escrivaninha, colocada por baixo da janela do Padre Casimiro; e tem ainda á sua disposição um Soldado-Ordenança e um trémulo Regedor.

Matamundos:

À vontade, forças do Vilar! (O Fiscal recomeça a escrever; entra-se novamente em plena função pública.) Está pronto o arrolamento?

Sargentanas:

Ainda não, meu coronel. Desapareceram folhas do livro de assentos e tivemos que começar tudo de novo.

Matamundos:

A revista?

Sargentanas:

Pouca coisa por enquanto. Essas armas, duas sacas de enxofre em casa de um tal Cosme da Loja...

Fiscal, lendo a acta:

«...Cosme Manuel da Silva, deste lugar do Vilar, em casa do qual foram apreendidas quantidades de enxofre, carvão de vide e salitre, bem como um grande almofariz de pedra, tudo levando a concluir que ali se procedia a trabalhos de fábrica de pólvora...»

Matamundos:

Escapou-se o sujeito, não é verdade? (*Ar comprometido do Regedor*). Claro, claro. Que mais?

Regedor:

Há, Excelência, o caso de um detido...

Matamundos:

Cale a boca. Que mais, sargento?

Sargentanas:

Um detido, o tal ferreiro. Recusou-se a dar alojamento às praças.

Matamundos:

Ah, bom! Resistência às forças da Rai-

nha? Já vamos ver isso. Quantos homens tinha ele aboletados?

Sargentanas:

Cinco. Quatro praças e um cabo. Alega que a casa é pequena, que não tem palha para as dormidas, e não sei mais quê.

Matamundos:

Investigue e passe tudo a auto. Ordenança!

Ordenança:

Pronto, meu coronel.

Matamundos:

Tu e ali o Regedor vão às casas. Que não escape uma só, entendido?

Fiscal:

Mas selam-se as portas. Ou não?

Matamundos:

Selam-se as portas, selam-se as portas. Tudo medido e contado até à última palha.

Regedor:

Agora, tarde vindima.

Sargentanas:

Como?

Regedor:

Nada. Queria eu dizer que não vamos encontrar coisa de préstimo. Este povo teve tempo de rasgar os registos das décimas, quanto mais...

Sargentanas:

Quanto mais o quê?

Regedor:

Nada... eu só queria explicar...

Matamundos:

Explica nada. Obedeça.

Regedor:

Queira desculpar.

Fiscal:

E testemunhas, senhor coronel?

Matamundos:

Para quê testemunhas? Não vão em nome das forças regulares?

Fiscal:

Sempre seria mais legal. Com duas testemunhas não há alegação que resista.

Matamundos:

Concordo. O legal é legal. Arranje duas testemunhas, regedor.

Sargentanas:

Uma já você tem.

Regedor:

Uma, qual?

Sargentanas:

A ordenança.

Ordenança:

Eu, meu sargento?

Sargentanas:

E então? Assinas com o nome civil.

Regedor:

De toda a maneira falta uma. A não ser que o ferreiro...

Matamundos:

Não, senhor. Um detido é um detido.

Fiscal:

Absolutamente. Ou bem que se cumpre a lei, ou bem...

Matamundos:

Ah, mas tem de se cumprir! Comigo não há outro remédio.

Entra um Cego apoiado num bordão, cantando ao acaso. Carrega uma viola e ao pescoço

traz um letreiro: «NUNCA VI A LUZ DO DIA, MINHA SOMBRA DESCONHEÇO». De bornal, manta e lata de azeite, todo ele é trapos e sujidade.

Cego:

Santas tardes vos dê Deus, salvação para as vossas almas.

Sargentanas:

Some-te, desgraçado.

Regedor, muito pronto a apontar o Cego:

Talvez aquele, Excelência.

Matamundos, voltando a cara, enojado:

Não me incomode.

Regedor, deitando a mão ao Cego:

Posso levá-lo?

Fiscal:

Mas é um cego, Excelência! (*Matamundos vira ainda mais a cara; fica quase de costas.*)

Regedor:

Não o levo?

Sargentanas:

Homem, desenrasque-se.

Regedor:

Nesse caso...

Sargentanas:

Raios partam a conversa! (*Atira tamanho empurrão ao Regedor que o lança, com Cego e tudo, para fora de cena.*) Por causa das hesitações é que isto chegou ao que chegou.

Fiscal:

Também digo. E nós, se não nos despacharmos, tramamo-nos. O arrolamento, para ficar pronto hoje, tem de ser fechado ao pôr-do-sol. Pelo menos, segundo a lei.

Matamundos:

Segundo a lei e segundo nós. Estamos aqui para fazer com que a lei se cumpra.

Fiscal:

Absolutamente.

Sargentanas:

Lei é lei e nada de espertalhices. Ouviu bem, nosso fiscal?

Fiscal:

Absolutamente. Estamos aqui para que a lei se cumpra. Absolutamente.

Sargentanas:

Ordenança! Vá ter com o Regedor.

Precisamente quando o Soldado-Ordenança deixa o terreiro do Vilar choca-se com ele o Cego, que vem esbaforido, a fugir do Regedor, e se encaminha para a beira do palco. Ali, a ofegar e já agarrado pelo Soldado e pelo Regedor, abre-se num desabafo de espanto:

«A Maria Henriques!»

Disse isto numa voz segredada mas forte, voz de revelação. E logo os dois algozes que o agar-

ram lhe tapam a boca e o levam outra vez para fora do terreiro.

Matamundos, meio de costas, ignora ostensivamente a cena.

Matamundos, sem se voltar:

Sargento, quem é essa Maria Henriques?

Regedor, aparecendo só com a cabeça, mas notando-se que continua a debater-se com o Cego para o dominar:

Uma velha. Não regula bem, Excelência!

Sargentanas, cortando-lhe a frase com um empurrão que o atira lá para fora:

É a tal das trovas políticas, meu Coronel.

Fiscal, consulta um auto:

Exactamente. «Cantos imorais contra as casas da justiça e contra a pessoa dos ministros...»

Ouve-se a

Voz de Maria Henriques:

*Comem as searas os pardais
É por culpa dos Cabrais.*



«Mais vinho, coronel Matamundos.»



«Maria Ricarda e o camponês de Sentinela estão diante de Alexandre, que esboça um mapa com as indicações que lhe vai dando o guerrilheiro.»



Os vultos arrastam um fole. São as comadres.



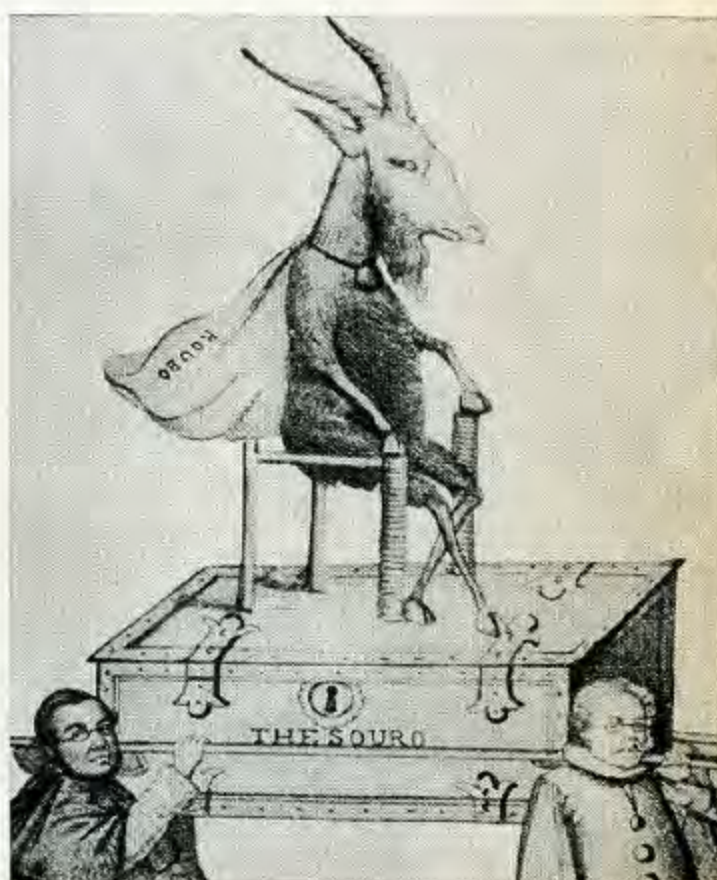
«Sentada entre dois soldados, está a Angelina do Casal. Passa o Cego-Que-Já-Foi-Cego, e fala-lhe.»



«Reverendo Padre Casimiro José Ferreira», anuncia o Cavalheiro Stanley. «Sua Alteza comunica que o nomeia capelão-mor do Reino.»



«Costa Cabral vem no cimo do andor. Está vestido de bode, com um rabo em ponta de seta, como o dos mafarricos.»



caricatura da época
(«Suplemento Burlesco», 1849)

As redondilhas da página 37 e os versos da Primeira Parte, cap. IV — página 65 — foram transcritos, respectivamente, dos volumes Sibila e Ossadas, de Afonso Duarte. Outras contribuições poéticas, como a «Ladainha dos Bons Entendimentos» (n.º 1918 de O Patriota) transcrita a págs. 39-40 e as quadras das páginas 77 e 96, são elementos da criação popular reproduzidos nas publicações da época. Por sua vez, a «Xácara da Visita à Rainha» e os versos da página 239 são apresentados na versão de Oliveira Martins em Portugal Contemporâneo.

A figuração da «Apoteose Grotesca» foi inspirada em caricaturas da época publicadas no Suplemento Burlesco do jornal «O Patriota» durante o ano de 1847.



Este livro foi composto em caracteres Baskerville, 12-in-14, e impresso nas oficinas da Companhia Editora do Minho, Barcelos, Portugal, para a Editora Arcádia, Limitada, Travessa de São Paulo, número sete, em Lisboa, no mês de Janeiro de mil novecentos e sessenta e cinco.